

Pesquisa e História: projetos, caminhos e combates na investigação acadêmica

Maria de Lourdes Rabetti

profa. visitante PPGAC-UFSJ

profa. quadro permanente PPGAC -UNIRIO

pesquisadora CNPq

Aula Inaugural

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

Universidade Federal de São João del-Rei.

16 de agosto de 2018

A título de epígrafe

*É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo
velho*

Caetano Veloso, Sampa, 1992.

Modelo inspirador da presente aula: modelo básico de projeto de pesquisa

- Introdução: modelo inspirador e considerações iniciais
- Riscos
- Recortes: entre tempos e contextos
- Abordagem
- Noção fundamental
- Fontes
- Instituições de referência
- Parêntese: a iniciação à pesquisa na graduação
- Objeto de pesquisa
- Referências como fluxos de correspondências
- A título de considerações finais
- Referências
- Anexo: a pesquisa teórico-prática em Artes Cênicas
- Agradecimentos

Risco narcísico:

a fala acadêmica que sempre quer falar de si

Essa fala acaba por dizer de nós mesmos. (a psicanálise diz mais ou menos isso, todo discurso fala de si). E toda atenção será pouca também quanto a isso. Emerge – por conta desse paralelismo que eu quis estabelecer por meio uma **fala sobre a pesquisa espelhada num projeto/processo de pesquisa** – uma sobreposição que, no entanto **não quer evitar contrastes, distâncias**, que sejam. Assim, muito imediatamente colados em nós mesmos, podemos sempre correr o risco de sufocar, e temos que nos resguardar e procurar furos pra respirar. Do mesmo modo, se a pesquisa artística a que nos dedicamos é hoje impregnada de autorreferência (algo sobre o que valerá a pena pensar e discutir), aqui, no entanto, em função da inspiração escolhida, devo tentar manter alguma distância, a minimamente necessária (ao crítico, ao historiador, ao professor, ao pesquisador em artes cênicas), sob pena de me perder em círculos de espelhos e trazê-los juntos; espelhos que, ao fundo, em sua opacidade, nos fixam sempre no mesmo lugar, nos encurralam, sempre iguais a nós mesmos, tal como éramos no ponto de partida.

Recortes

entre tempos e contextos

Alguns apontamentos sobre

: a pesquisa acadêmica em Artes Cênicas

: uma primeira etapa, fundamental, da formação em pesquisa, ou melhor, primeira etapa de formação também por meio da pesquisa.

Abordagem

De acordo com meu plano de trabalho como professora visitante, aprovado em maio desse ano, e ajustado no mês subsequente, para o mês de agosto, foi prevista **“Aula inaugural: palestra de abertura do ano letivo, voltada para o tema da pesquisa em artes cênicas ou, mais especificamente, sobre a história e historiografia do teatro no Brasil”**.

Destacando duas considerações - Pesquisa em artes cênicas e História e Historiografia do Teatro no Brasil – dois campos vastíssimos, optei por uma condensação que, espero, não resultará arbitrária e sim produtiva para nosso encontro de hoje, de abertura do ano letivo.

Para essa aula inaugural, ou palestra destinada aos alunos pós-graduandos e aberta aos graduandos pesquisadores bolsistas interessados, gostaria de trazer alguns apontamentos sobre a pesquisa teatral, com olhos voltados para uma *primeira etapa, fundamental, da formação em pesquisa, formação também por meio da pesquisa*.

Desde logo, diga-se que o princípio que irá guiar a construção dessa fala, suas escolhas, seu foco e seus abandonos será **aquele que assegura aos processos de pesquisa sua condição histórica. Falar em processo é já perceber a dimensão de movimento, de passagem, de tempo. Condição temporal que é instância por onde se constitui o estudo histórico.**

Noção fundamental para a aula: Pesquisa é História

1. “CONCEITO DE HISTÓRIA:

- - História é a ciência que estuda a **mudança**.
- - História é vida, é movimento, é **transformação**.
- - a História estuda a vida humana através do **tempo**: estuda o que os homens fizeram, pensaram ou sentiram enquanto seres sociais.
- - Processo de transformação onde todos os homens são agentes das constantes mudanças que ocorrem: **processo** histórico.”

2. “O TERMO HISTÓRIA:

- - os gregos foram os primeiros a utilizá-lo: histor, originalmente, significava aquele **que apreende pelo olhar**, aquele que sabe, o **testemunho**, aquele que testemunhou com seus próprios olhos os acontecimentos.
- - “História” (“his” + “oren”) significava apreender pelo olhar aquilo que se sucede dinamicamente, ou seja, testemunhar os acontecimentos, a realidade.
- [...]”. (*Algosobre*, grifos meus)

E finalmente, a identificação pela qual, no fundo, desde o início, o projeto dessa minha fala batalhou:

- “História (do [grego antigo](#) ἱστορία, [transl.](#): **historía**, que significa “**pesquisa**”, “conhecimento advindo da investigação”), é a [ciência](#) que estuda o [ser humano](#) e sua ação no [tempo](#) e no [espaço](#) concomitantemente à [análise](#) de processos e eventos ocorridos no passado [...].” (*Wikipédia*, grifos meus).

Noção fundamental para a aula: História! Presente!

Sobre esta fecunda proximidade entre Estudos Históricos e Pesquisa Teatral, quero finalizar lembrando que a história é também a História presente e “insisto que atuar no seio dos estudos históricos, também do teatro, solicita constante conjugação entre ciência, ética e estética, como continua nos dizendo Marc Bloch, membro atuante na criação e na consolidação dos *Annales*, ao lado de Lucien Febvre, e que combateu nas duas guerras, integrou-se à Resistência, e **num mesmo movimento**, travou lutas diversas: lutou pelos estudos históricos, lutou por seu tempo e por tempos futuros, e morreu em combate, tendo sido fuzilado pelos nazistas uma semana antes da descida das tropas aliadas na Europa, das chamadas tropas da Libertação. Se Lucien Febvre escreveu *Combates pela História*, (FEBVRE, [1989, 1952 1ª ed.]), Bloch nos legou, escrita no cativeiro, e *inacabada por fuzilamento*, é terrível dizer, sua *Apologia da História: o ofício do historiador* (BLOCH, 2001[1949 1ª ed.]” (RABETTI, 2017).

Professores, pesquisadores, Febvre e Bloch foram testemunhos e historiaram (de modo participativo) seu “tempo presente”.

Fontes para a aula: obras de referência; dicionários

Quem determina as fontes é o projeto de pesquisa, especialmente o objeto tal como configurado pelo pesquisador.

O objeto da presente fala, como dito, pretende seguir alguns dos **principais tópicos de um projeto de pesquisa**. Portanto, essa aula, que elege como fontes básicas vocábulos dicionarizados, inicia sua busca pelo próprio ato de “pesquisar”:

O **verbo** pesquisar

- “Indagar, investigar, procurar **com diligência**”. (*Aurélio Online*, grifos meus)

ou

- “Investigar, com a finalidade de descobrir conhecimentos novos.
- Recolher elementos para o estudo de algo.
- Pesquisar é sinônimo de: [procurar](#), [catar](#), [sondar](#) .” (*Dicionário Online de Português*, grifos meus).

Fontes para a aula: obras de referência; dicionários

No formidável Caldas Aulete, em busca do **substantivo** pesquisa:

- 1. “Ação ou resultado de pesquisar” (pesquisa de mercado/de **laboratório**)
- 2. Estudo **metódico** a fim de ampliar o conhecimento sobre determinada área do saber (pesquisa econômica/científica).” (*Aulete Digital*, grifos meus).

Outras fontes: obras de referênciã; dicionários

- Verbo ricercare
- **1.** “**cercare con cura, con particolare impegno** per trovare, scoprire, conoscere; indagare: *ricercare una persona scomparsa; ricercare la refurtiva; ricercare le ragioni di un atto di violenza; ricercare le cause di un fenomeno; ricercare la verità; ricercare dentro di sé le risposte* | **ricercare le parole, sceglierle con molta cura.**”
- **2.** “cercare di nuovo: **cerca e ricerca, qualcosa salta fuori.**”

e onde o **procurado**, o *ricercato* equivale a **pesquisado**

- **1.** “**apprezzato, richiesto da molti per le sue qualità:** *un medico, un avvocato ricercato; un prodotto ricercato.*”
- **2.** “**che è scelto con cura, talvolta eccessiva;** elegante, **raffinato;** anche, manierato, affettato: *essere ricercato nel vestire; esprimersi in modo ricercato; maniere, frasi ricercate.*” (Garzanti, grifos meus).

Instituições de referência: para a aula; para a pesquisa acadêmica

Um mestrando interessado e atento encontrará na ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós- Graduação em Artes Cênicas (<http://www.portalabrace.org/>) - seu natural espaço associativo – não necessariamente corporativo –, espaço de encontro construído por seus pares ao longo da história (são já 20 anos!) , grande responsável pelo estímulo à pesquisa em artes cênicas e pelo pensamento atualizado sobre ela, entre nós.

Da mesma forma, na página da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (<http://www.capes.gov.br/>) - encontrará importante guia, instrumento que merece ser visitado, e ainda no site do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)- (<http://www.cnpq.br/> , que abriga e disponibiliza consulta a um rol significativo de docentes pesquisadores e de grupos de pesquisa e cuja plataforma Lattes é de entrada obrigatória para pós-graduandos, para registro e difusão de suas ações de pesquisa. Sem deixar de lembrar, especialmente, da agência de pesquisa e fomento do Estado de Minas, FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - (<http://www.fapemig.br/>).

Parêntese: a iniciação à pesquisa na graduação

Embora seja fundamental, em muitos sentidos, que o exercício da pesquisa se inicie na graduação – dentre eles o relativo à antecipação, para fins de qualificação, da formação do graduando como pesquisador (economia de prazos e maior possibilidade de aperfeiçoamento do aluno no correr dos anos) e ainda porque na graduação nos formamos também por meio da pesquisa, e embora o exame de seleção para ingresso num curso de Mestrado já exija a apresentação ou de um projeto ou de um pré-projeto, é no embate mais regular e sistemático com um alinhamento geral ditado por um **Programa de Pós** e, principalmente, no encontro de e com um **orientador**, para estabelecimento e desenvolvimento de um projeto individual de pesquisa, que o efetivo processo de pesquisa acadêmica individual - e sempre sob orientação (acompanhamento que adquire alguma “semelhança” ao de Virgílio, um velho clássico, parceiro e guia fundamental na travessia de Dante por infernos e céus, ao encontro de sua Beatrice) - se estabelece, cria suas bases de funcionamento, encontra as referências mais fecundas.

Equipe

Porém, é na graduação que o aluno pesquisador, em iniciação científica, começa a saborear o prazer da reflexão, da pesquisa em acervos, dos experimentos laboratoriais, e, sobretudo, a verificar a beleza do trabalho regular em equipe, sob orientação sistemática.

Orientação

Há inúmeras piadas sobre a figura do orientador, mas, raros são os textos dedicados, se não ao seu louvor, à compreensão do papel fundamental que exerce, não só para o bom andamento e bom resultado da pesquisa do orientando, mas, sobretudo, para sua formação acadêmica mais ampla, como aluno de pós-graduação, futuro pesquisador e professor.

Objeto de pesquisa

Se a pesquisa é projetual, almeja o conhecimento ou o re-conhecimento (enquanto re-encontro) para o qual se necessita estabelecer um plano, eleger noções, operar recortes, ela se faz, se justifica, pela escolha/configuração de um objeto.

Um objeto se configura, necessariamente, por operações de escolhas, recortes, apaixonamentos, *ma non troppo*, e decisões tomadas junto com o orientador. Mas, é necessário mais um passo, crucial: diante de um tema considerado importante por estudiosos, de preferência pessoal, etc., é necessário **fazer uma pergunta, propor uma questão, nele perceber um problema. Um tema** pode ser e geralmente é vasto. **Um** objeto é dele recolhido, é nele percebido. Um objeto, enfim, é construído, diante de um tema dado, estudado, **a partir de indagações** que o pesquisador estabelece frente a ele no meio do campo. Em nível de mestrado, já apoiado em determinado campo de referências e no orientador.

Objeto é algo que quer ser perscrutado, que não se entrega de mão beijada. É algo que se constrói e de que é preciso ir atrás, com bases de referências, tendo o orientador como guia.

É que o objeto resiste a dar-se a ver. Ele é um PROBLEMA.

A tentativa de resolvê-lo é o motor da pesquisa. E os passos que ela dá, planejados, reajustados, sempre conscientes, podem ser tão ou mais importantes que o resultado. Mas a consciência dos passos dados e traçados, os caminhos percorridos, com a profundidade que a pesquisa requer, terão interesse fundamental para o pesquisador. Esse *modo de pesquisar*, em si, é já de grande interesse.

Referências como fluxos de correspondências: companheiros, acompanhantes

Quase finalizando, e sabemos que são chamadas considerações finais as que encerram o texto que disserta sobre a pesquisa acadêmica desenvolvida, retardo um pouco e volto à pergunta que de início, e no início dessa fala, fiz ao tema; volto à questão levantada e que procurei trabalhar centralmente: **em que medida a pesquisa de mestrado** (que não necessita ser o obrigatoriamente original, e o que seria esse “original”?) **contempla um salto de maturidade em direção ao objeto da pesquisa e em relação ao pesquisador, imposto pelo prazeroso e suado caminho trilhado, e por sucessivas escolhas?**

Referências como fluxos de correspondências: companheiros, acompanhantes

E proponho uma resposta, temporária: na medida mesma em que amparado por parceiros buscados e encontrados com sabedoria, o pesquisador os reconhece, abrindo-se para novas chaves de pertencimento. Pois o mestrandos, se pensarmos a longo prazo, também iniciante nos trabalhos da pesquisa acadêmica, assim como não deve achar feio o que não é espelho, não deve ter medo de buscar seus antecedentes, e seus parceiros escolhidos - e encontrados em corpo de estudos sobre o tema, sobre o tempo e sobre o contexto de onde emergiu seu objeto. Grande amparo é o campo teórico, o corpus teórico que qualifica a escolha, a constituição do objeto, dá garantia ao sentido e à qualidade da pergunta que se faz. E que vai se atualizando durante o caminho que percorre, *ma non troppo*, a ponto de ir se modificando demasiadamente, dentro de prazos determinados. O amparo, é bom que se diga sempre em espaço de projeto e realização de pesquisa, deve ser visto, procurado, também com os olhos voltados para os caminhos já percorridos. E deve ser citado e referido corretamente: dimensão ética, mas exigência da compreensão da pesquisa desenvolvida em suas correlações, em seus **fluxos de correspondências**.

Referências como fluxos de correspondências: companheiros, acompanhantes

É que, a rigor, ninguém está só nessa “parada”: estudos feitos no entorno, os acervos plenos de documentos nos esperam, dão impulso, nos auxiliam por toda a estrada.

Assim, é preciso ter bem, um bom corpo bibliográfico e documental – o **corpus da pesquisa**. A diferença básica, fácil de perceber, é que o **corpo bibliográfico** é o de estudos já feitos, ou já em andamento, dados a ver, cultivados no campo onde colhemos nosso objeto. O **corpo documental** é menos vistoso, é o conjunto de vestígios legados pelo próprio objeto que se quer fustigar, de modo a que ele se dê a ver, responda a perguntas feitas, novas ou antigas.

É ali, frente a ele, que se dá o embate fundamental, tão tensionado quanto produtivo, entre pesquisador e objeto.

Assim como, muitas vezes, entre orientando e orientador: embate tão tensionado quanto, quase sempre, tão produtivo.

A título de considerações finais:

projetar, pesquisar como busca de outro de si

Como referimos no início, e já nos fez ver Narciso, o espelho nos leva a abismos imponderáveis, ligados, muitas vezes, a uma imaturidade persistente. Sair em direção a um objeto, a um outro, de modo delicado e dedicado, sair um pouco de si – e se não for possível, a tentativa é uma boa experiência - é condição de crescimento, de percepção da alteridade. Sem isso, como projetar, pesquisar, construir um objeto artístico também para o outro, sem se bastar em si mesmo?

Referências

- ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas - <http://portalabrace.org/c2/index.php/instituicao/historia-da-abrace> . (acesso em 12.08.2018)
- ALGOSOBRE - <https://www.algosome.com.br/historia/introducao-ao-estudos-historicos.html>. (acesso em 8.8.2018)
- AURELIO ONLINE: <https://dicionariodoaurelio.com/pesquisar>. (acesso em 8.8.2018)
- AULETE DIGITAL - <http://www.aulete.com.br/pesquisar>. (acesso em 8.8.2018)
- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989. <http://groups.google.com/group/digitalsource>. (acesso em 6.8.2018)
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação – Brasil - <http://www.capes.gov.br/>. (acesso em 12.08.2018)
http://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/11_arte_docarea_2016.pdf. (Documento de Área). Acesso em 12.08.2018
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – Brasil - <http://www.cnpq.br/>. (acesso em 12.08.2018)
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> (Plataforma Lattes). (acesso em 14.08.2018)

Referências

- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS - <https://www.dicio.com.br/pesquisar/> (acesso em 8.8.2018).
- DIZIONARI GARZANTI LINGUISTICA - <https://www.garzantilinguistica.it/ricerca/?q=ricercare>. (acesso em 6.8.2018)
- FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. <http://www.fapemig.br/>. (acesso em 12.08.2018)
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Tradução de Leonor Martinho Simões e Gisela Monis. Lisboa: Presença, 1989.
- RABETTI, Maria de Lourdes. Observações sobre a prática historiográfica nas artes do espetáculo. In. (Orgs. Carreira, A.; Cabral; B.; Ramos, L.F.; Farias, S.C.) **Metodologias de Pesquisa em Artes Cênicas**. Rio de Janeiro, 7Letras, 2005, p. 32- 61. (Memória Abrace VIII)
- RABETTI, Maria de Lourdes. História e Historiografia do Teatro no Brasil: modos de produção. Comunicação na Mesa Teatro e História: questões de historiografia do teatro. **Seminário Eisenstein**. Rio de Janeiro: FCRB, set. 2017 (inédito).
- SILVA, Daniel Marques da. “A composição do personagem-tipo: laboratórios experimentais com atores”. **Anais do I Congresso da Abrace**, Salvador, 2000.
- WIKIPEDIA <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria> (acesso em 8.8.2018).

Anexo:

a pesquisa teórico-prática em Artes Cênicas

Os laboratórios experimentais na UNIRIO (2005)

“Esses encontros experimentais definiram de forma eficiente toda a dissertação. Sua realização reorganizou os rumos de cada um dos capítulos de minha dissertação, propiciando um enorme diálogo com suas unidades exclusivamente teóricas. Assim as hipóteses que nortearam esses laboratórios, bem como a metodologia adotada, foram não só postas à prova na prática da cena teatral, como por seu intermédio se alteraram, se especificaram, realimentando minha discussão teórica”. (SILVA, 2000, p.387)

“Em diversas ocasiões tive a oportunidade de apresentar e comentar os laboratórios experimentais desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Teatro da UNIRIO e que se desdobram como atividade articulada ao ensino de graduação da Escola de Teatro, na medida em que [muitos foram] convalidados como disciplinas da grade curricular. Encontra-se ali, de fato, um conjunto de experiências que podem trazer contribuições peculiares para as discussões a respeito das metodologias para o campo da pesquisa teatral.”

Anexo:

a pesquisa teórico-prática em Artes Cênicas

Os laboratórios experimentais na UNIRIO (2005)

“O que venho compreendendo como laboratório experimental – espaço de especial forma de articular teoria e prática, graduação e pós-graduação, **mas, especialmente, espaço sob observação por suas possibilidades técnicas e metodológicas para a pesquisa teatral** – teve início na UNIRIO em 1997, mais precisamente no segundo semestre daquele ano, por meio de experimentações com atores, planejadas e desenvolvidas no quadro geral das pesquisas necessárias para elaboração de uma dissertação de caráter teórico, historiográfico, voltada para uma discussão histórica e dramaturgica, a respeito da construção do personagem-tipo, num contexto – o da comediografia carioca das primeiras décadas do século XX – ditado por um modo de produção teatral que articulava módulos de escrita dramática, repertórios de atuação de atores profissionais, estrutura mercadológica em companhias teatrais, gosto de público.

Verificar a relação entre estrutura de personagem e repertório atorial, para discutir o modo de composição dramaturgica, solicitou a experimentação com atores. [...] A continuidade da experimentação em laboratórios – sempre acionada com a dupla intenção de atender à demanda pontual de cada objeto de pesquisa em questão e de consistir em espaço onde verificar sua capacitação enquanto metodologia e/ou técnica de pesquisa em teatro – permitiu o alcance de alguns resultados apresentados publicamente na qualidade de aulas espetáculos. Tal fato não descaracteriza a compreensão fundamental do laboratório – tido como local onde procurar estabelecer “relações orgânicas”, por meio de operações teórico-práticas simultâneas. Torna-se necessário, para tanto, diferenciar o laboratório experimental de outras formas, predominantes, mesmo na UNIRIO, de interseccionar teoria e prática pelo delineamento da pesquisa em demarcadas e sucessivas etapas, nas quais o aporte reflexivo está destinado a embasar, quase sempre por meio de sua conversão prática imediata, a série de ensaios para montagem de um espetáculo, objetivo a ser alcançado pela pesquisa, em cujo processo assim se investe e no qual a teoria contribui para uma dimensão mais qualificada.”

Anexo:

a pesquisa teórico-prática em Artes Cênicas

Os laboratórios experimentais na UNIRIO (2005)

“Os laboratórios, como se viu, visam fundamentalmente a realimentar o campo das reflexões destinadas a estudar e compreender objetos coletados em campo artístico, gerando momentos de entrada nesses objetos, experimentando algumas de suas partes, num caminho que articula também, como se pode ver, a análise e a síntese, o todo e as partes.

Não almejam, portanto, recriar qualquer obra em sua totalidade; não desejam a montagem espetacular. **O que o laboratório quer, atendendo a um apelo feito exclusivamente pelo objeto concreto da investigação, é satisfazer à necessidade de ampliação de seu espectro de discussões, por meio de sua experimentação.** O que pode ocorrer (e os dois últimos laboratórios que orientei demonstram essa possibilidade) é que um alto grau de atenção e consciência dos passos que ali estão sendo dados se traduza em ‘momento’ especialmente qualitativo de ‘articulação artística e pedagógica’; momento que se pode expressar na estrutura de uma aula espetáculo a ser exposta a um circuito mais amplo, para fruição e discussão. A aula espetáculo, sem dúvida, reforçou enormemente a dimensão pedagógica contemplada pela experiência laboratorial, **ali onde, nos termos de uma apresentação, enfatiza os procedimentos acionados para sua construção.**” (RABETTI, 2005, p.52 – 56). (grifos meus: 2018)

Anexo:

a pesquisa teórico-prática em Artes Cênicas

Comentário, de 2018, ao texto de 2005, para a presente aula inaugural

Atualizar, seria dizer que hoje ressalta para mim, salta aos meus olhos, o lugar que os laboratórios experimentais de pesquisa teatral ocupam na pesquisa acadêmica frente à rica e profícua ambiguidade presente na chamada “relação entre teoria e prática” no campo do ensino e da pesquisa em Artes Cênicas no ensino superior.

O laboratório experimental pode, por vezes, pretender suprir ou resolver a contradição, muitas vezes diluindo duas instâncias em prol de uma visão distorcida da pesquisa em arte, visão que, ao contrário do que se disse, parece querer se esconder do pensamento, visão onde o artístico se faz ofuscante em sua opacidade ditada pela negação do prazer de pensar, de se faltar de conhecimento que a prática artística, muitas vezes, quer denegar, ao nosso ver, diminuindo seu sabor, para tomar de empréstimo as palavras de Barthes (1989, p.10), a respeito das palavras: “o paradigma que aqui proponho não segue a partilha das funções; não visa a colocar de um lado os cientistas, os pesquisadores, e de outro os escritores, os ensaístas; ele sugere, pelo contrário, que a escritura se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor (*saber e sabor* têm, em latim, a mesma etimologia)”.

A pesquisa laboratorial acadêmica em artes cênicas, no seio da pós-graduação, pretendendo-se ou não formadora (e deveria pretender, claro está, dado que no seio de um curso destinado a formar mestres), é feita de experimentação pensadora, exposta no seio da cena que se constrói, presente na cena que se apresenta, e apoiada ainda em tantos “documentos” anexos.

Agradecimentos

Em lugar de colocar os agradecimentos logo de início, como faz o texto de dissertação, a fala da aula inaugural quis dizer no final:

Em primeiro lugar, e sempre, agradeço ao professor Alberto Tibaji, coordenador do PPGAC/UFSJ, pela forma solidária, ao meu ver exemplar, com que me recebeu, acompanhou e ainda acompanha minhas atividades como professora visitante. Em especial, pela **atividade de recepção e acolhida, trabalhosa nos primeiros momentos, e nem sempre compreendida como atividade acadêmica**, fundamental para os trabalhos posteriores. Estou certa de que sua **visão institucional, como coordenador do Programa e como docente do ensino superior**, é base para essa forma de atuar, acolher.

Aos colegas da linha de Pesquisa Cultura, Política e Memória (CPM) onde se desenvolve mais intensamente minha atuação, tal como previsto no Edital e no Plano de Trabalho. Ao conjunto do corpo docente do PPGAC, composto por colegas que vou conhecendo aos poucos, alguns dos quais, conhecendo mais de perto, já muito admiro.

Aos alunos do PPGAC, que começo a conhecer hoje, e que poderei melhor conhecer em pelo menos duas ocasiões previstas no Plano de Trabalho: no **Seminário do Programa**, previsto para ocorrer entre os meses de novembro e dezembro de 2018, e no **Seminário de Projeto de Pesquisa**, em três encontros no espaço de curso a ser ministrado em 2019.1.